



## **Devaneios da Ferramenta**

Gustavo Barcellos

Apresentado no 11º Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica

São Francisco Xavier, 25-27 de agosto de 2023

Publicado online em 08 de setembro de 2023

**[www.institutoimpar.com.br](http://www.institutoimpar.com.br)**



## Devaneios da Ferramenta

Gustavo Barcellos

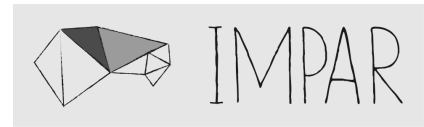
*A matéria é um centro de sonhos.*

— Gaston Bachelard

*A terra e os devaneios da vontade, 1948*

**1.** Toda arte, todo ofício, todo negócio tem suas ferramentas. A metáfora da ferramenta inscreve-se num imaginário sempre presente, sempre cotidiano. No mundo da Terra, a ferramenta é uma vontade, a vontade de agir, vontade de dizer. A ferramenta realiza (atualiza?) um devaneio da vontade, ao modo bachelardiano. Trabalhador, ferramenta e tarefa se unem e enfrentam a resistência da *matéria prima*. Mas só a ferramenta conhece de fato intimamente a resistência da matéria, participa dela, obriga-a a mostrar-se. A ferramenta apura nossa vontade. Ferramenta é vontade. Joga-nos na dialética ócio-ofício. Amar as ferramentas é amar os meios, não os fins. Ferramentas nos servem, mas são afinal nossa maneira de servir à matéria. É para esse campo do imaginário que iremos nos deslocar agora.

Ferramentas: utensílios, apetrechos, traquitanas, aparelhos, equipamentos, equipagem, artefatos, aparatos. Máquinas, maquinário. Com elas, toda a literatura das bulas, dos manuais de instruções, dos guias de bolso, dos tutoriais, das regulamentações técnicas, das normas de segurança. Mas também procedimento, jeito, recurso. Realização de um trabalho. É como uma lição de virilidade que enxergamos as ferramentas. Estamos no campo do masculino, campo da precisão e da força. A ferramenta é um foco. O martelo acerta o prego na cabeça. O compasso, o telefone, a picareta, a faca, as agulhas, a marreta, a régua, tudo isso necessita de foco para realizar sua vontade, já é um foco. Encontramos o brilhantismo da tesoura, a coragem da furadeira, o ímpeto do maçarico, o balanço do fuê.



Ferramentas não são métodos, não são caminhos. Ferramentas são instrumentos, são realizadoras, realizam um método. Instrumentalizam, e instrumentalizar é dar condições para que algo se realize. O trabalho, qualquer trabalho, busca sua ferramenta. O desejo da ferramenta é uma extensão da vontade da mão. Vontade de potência, embora seja a ferramenta e *sua* vontade que ensinam nossas mãos. As mãos “aprendem com as ferramentas e os materiais com que trabalham.”<sup>1</sup> Do bisturi ao serrote, da pinça ao martelo, da vara de pesca ao telescópio espacial James Webb, da palavra ao canto, toda ferramenta é penetração. Está no campo do *vir*: viril, virilidade, virtude, vírus, virtuosidade, exibindo a ideia de varão, homem. Já exprime a condição de força. O *vir* não é penetrável, mas o que penetra; não é o passivo, mas o ativo. É isso que definiu a virilidade desde os romanos. O cidadão romano já era o *vir*. A penetração pertence de tal forma ao universo masculino, é de tal forma definidora das fantasias do *vir*, que teríamos que falar mais, falar a tal ponto de fazer uma psicanálise da penetração, o que significa estudar seus complexos, seus complexos individuais e culturais, sua sombra, seu *pathos*, suas fantasias de dominação, humilhação, fecundação e controle, sua dor e seu gozo, sua vulnerabilidade, suas disfunções eréteis, sua morte, os arquétipos a que pertence.

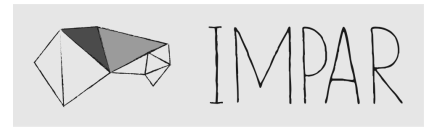
O mundo visto da perspectiva da ferramenta é uma oficina-universo. A oficina espelha o universo. Do ponto de vista da alma do trabalhador, o pedaço de alma que é um trabalhador em nós, entende o mundo como uma oficina.<sup>2</sup>

**2.** O elemento terra, segundo Bachelard, diferenciando-se do que caracteriza os outros elementos, entrega-nos, por um lado, a psicologia da força, ou seja, da vontade

---

<sup>1</sup> James Hillman, *Entre vistas*, tradução de Lucia Rosenberg e Gustavo Barcellos, São Paulo: Summus Editorial, 1989, p. 175.

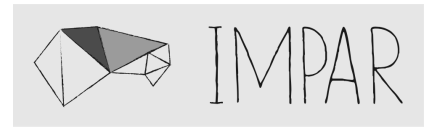
<sup>2</sup> “Uma meditação da oficina amplia-se até chegar a uma meditação do universo.” Gaston Bachelard, *A terra e os devaneios da vontade*, tradução de Paulo Neves da Silva, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991, p. 49.



e, por outro, a psicologia da intimidade.<sup>3</sup> Bachelard aponta para uma dialética entre estas duas polaridades. É o elemento terra, onde se inscreve toda pesquisa imaginal e poética sobre as ferramentas, que “inventa” ferramentas, pois elas têm a ver com força, são subsidiárias do devaneio da vontade: elas existem porque existe vontade. Portanto, podemos chegar a uma psicologia da vontade por meio do estudo das ferramentas. Bachelard abre para nós, dessa maneira, uma possibilidade imensa de percepção e aprendizado com relação àquilo que chamamos, tanto em psicologia quanto em filosofia, de *vontade*. Na psicologia, estamos muito acostumados a localizar a vontade apenas no ego. Aprendemos que a vontade pertence ao ego: força de vontade, esse querer em nós que identificamos como volição, normalmente entendida como uma das capacidades ou faculdades específicas da consciência, assim como a memória, a percepção, o conhecimento, o foco, a vigilância, a cognição, a função do real. Bachelard desloca a reflexão sobre a vontade para muito além da consciência, desloca, diríamos, para a alma. Dá-nos um caminho arquetípico para entender a vontade como algo que está localizado além do ego, ou mesmo apesar do ego: quantas coisas que temos vontade de fazer, ou de parar de fazer, mas que não conseguimos, pois há uma vontade mais profunda, vinda de um lugar que não conhecemos, e que discorda do ego, e se impõe. Como uma realidade misteriosa, enraizada no inconsciente, a vontade pertence a todas as coisas, para além do humano, o que nos permite, por sua vez, identificar a vontade das ferramentas. A vontade do martelo é muito diferente da do pincel, ou do alicate, por exemplo. Basta vê-los em ação. A vontade, essa realidade presente na alma, na alma de todas as coisas, pode, de fato, ser compreendida por meio do elemento terra. Os elementos são lentes através das quais enxergar a realidade do mundo, menos substâncias em si (o que seria uma compreensão muito literalizada), mas lentes para se observar a qualidade de situações ou fenômenos na existência. Ao encarar a vontade como um fenômeno arquetípico, presente em todas as coisas, Bachelard faz com que a vontade se inscreva entre os mis-

---

<sup>3</sup> Assim como o elemento fogo entrega-nos a psicologia do desejo, e o elemento ar, a psicologia da liberdade (ou do movimento) e o elemento água, a psicologia da pureza, as lições da pureza.



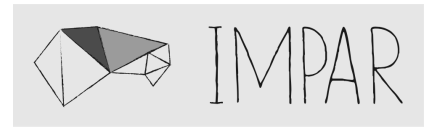
térios da existência — tanto quanto o é a liberdade, o movimento, a pureza. Qual o desenho de tua vontade? Qual teu desígnio?

O elemento terra quer dizer o mundo material. A terra é a realidade física, aquilo que Henri Bergson chama de o “mundo dos sólidos”. A vontade atua no mundo dos sólidos. Isso também é uma metáfora, pois não precisamos entender o mundo dos sólidos apenas literalmente. Há nossos sólidos interiores: o que enrijece em nós, que coagula demais, que ficou opaco, aquilo que se torna uma verdade unilateral e inquestionável, monotemática e absoluta. Tornou-se um sólido. E aquilo tudo que parou dentro de nós, para além da consistência necessária — que chamamos de dificuldades ou problemas, argumentos sistemáticos, dogmas e crenças particulares — pode ser entendido como solidificações, o que nos remete diretamente às qualidades das solidificações. Pois o mundo dos sólidos, o mundo da matéria, cuja primeira característica é a resistência, apresenta-se, sempre segundo Bachelard, de duas maneiras: o mole e o duro. “Duro e mole são os primeiros qualificativos recebidos pela *resistência* da matéria. (...) Na ordem da matéria, o *sim* e o *não* se dizem *mole* e *duro*.”<sup>4</sup> Há matérias que, ao mesmo tempo em que oferecem uma resistência, estão dizendo *sim*: a massa, a lama, o barro, o pão, o gelatinoso, o viscoso, o elástico. E uma resistência que diz *não*: pedra, metal, madeira, ferro. Esse é o elemento terra, convocando ferramentas. Tudo que pertence ao mundo dos sólidos convoca ferramentas. Ao metaforizarmos essas percepções para realidades interiores, realidades anímicas, estamos diante de toda uma nova psicologia da resistência. Tudo o que é material em nós, terreno, terroso, da terra, resiste, e porque resiste, convoca-nos a ir contra; ao irmos contra, despertamos, mostramos nosso ser de energia, nosso ser de *vir*. Esse é o raciocínio que Bachelard nos ensina. Examinemos esta passagem tão significativa:

O mundo resistente nos impulsiona para fora do ser estático, para fora do ser. E começam os mistérios da energia. Somos desde então seres *despertos*. (...) Todos esses objetos *resistentes*

---

<sup>4</sup> Gaston Bachelard, *A terra e os devaneios da vontade*, tradução de Paulo Neves da Silva, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991, p. 15.



trazem a marca das ambivalências da ajuda e do obstáculo. São seres por dominar. Dão-nos o ser de nossa perícia, o ser de nossa energia.<sup>5</sup>

Dessa forma, é como se a resistência fosse absolutamente necessária para nos despertar, para mostrar quem somos. A resistência, conceito psicanalítico de base, passa então de um não-querer a um querer revelador da qualidade de minha energia, de como me entrego à vida. A resistência é uma qualidade da matéria e serve para convocar nossa energia a se mostrar. Penso ser este o momento em que nasce em nós um amor pelas ferramentas. Pois elas são amáveis — ou serão apenas mais um objeto no extenso mundo dos sólidos. Para o trabalhador, o trabalhador sincero, elas são amáveis; ele, se está aderido a seu trabalho com fervor, ama suas ferramentas, em qualquer ofício.

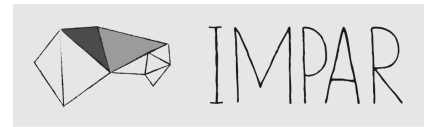
Toda ferramenta é um objeto mágico. Consagra a seu criador, que dirá seu operador, o status do poeta lírico, do xamã, do curandeiro, do alquimista, do demiurgo, do mago, na medida em que uma ferramenta é, no limite, a extensão de nossa vontade de transformação. Toda ferramenta dá um caráter específico a nossa vontade, quer transformar o mundo dos sólidos. É a carta do Mago nos tarôs, o arcano do número 1, que está na origem de tudo: a realização, e para realizar alguma coisa é preciso ter vontade. Lei da vontade, do querer. Vir-a-ser. O agente. Fazer o que se quer. Rachel Pollack, a estudiosa transgênero do tarô, assim o compreende: “...o Mago significa força de vontade. (...) A maioria das pessoas raramente age; em vez disso, reage e é lançada de uma experiência a outra. Agir é conduzir sua força por meio da vontade para onde você quiser que ela vá.”<sup>6</sup>

Com ferramentas estamos diante de imagens da potência, de demonstrações de potência, pois a potência é um elemento da vontade como um dinamismo da alma.

---

<sup>5</sup> Bachelard, *idem*, p. 16.

<sup>6</sup> Rachel Pollack, *Setenta e oito graus de sabedoria*, tradução de Karina Jannini, São Paulo: Editora Pensamento, 2022, p. 55.



Mesmo ferramentas em repouso, no momento em que não estão sendo usadas, dão um testemunho de potência.<sup>7</sup>

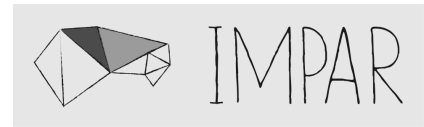
**3.** Toda ferramenta é um produto da imaginação. E isso já nos lança na psicologia. Ferramentas psicológicas nos interessam: sua agressividade, seu carinho, sua arte, sua penetração, sua lógica, sua eficácia. Sua inutilidade também, ferramentas inúteis, que só servem para fazer poesia. Assim, quero agora chamar a atenção para o que me parece ser talvez a grande, a primeira ferramenta de nosso ofício de terapeutas, aquela que vem antes de todas as outras, a escuta. Quero falar do ouvido. Ouçam.

A orelha é uma zona erógena. O ouvido é um labirinto. O tímpano é um tambor, o primeiro dos tambores. Os três menores ossos do corpo humano, que se encontram interconectados no ouvido, e que conduzem o som do tímpano ao ouvido interno sendo os primeiros responsáveis pela audição, têm nomes de ferramentas: martelo (*malleus*), bigorna (*incus*) e estribo (*stapes*), numa semelhança de fato incrível. Então, é lá que precisamente começamos a trabalhar. Talvez esteja aí nossa primeira oficina: a escuta. Escutar é um trabalho, uma ação. É com eles, com esses ossículos e seu tambor, que começa o milagre da escuta. O tom da voz, a música que ouvimos naquilo que alguém está falando, as modulações, ênfases, timbres, participam desse mistério. Nele, tudo é percussão. Tudo quer bater.

Curiosamente, o ouvido é ao mesmo tempo o órgão da audição e do equilíbrio. Nele convergem essas duas funções de sobrevivência: a escuta e a estabilidade. Haverá mesmo uma ligação profunda entre essas duas forças? Será que nos desequilibramos quando não podemos mais ouvir? Pois não deixamos de ouvir na instabili-

---

<sup>7</sup> Vontade e desejo parecem ser fenômenos anímicos sutilmente diferentes. A vontade inscreve-se dentro do elemento terra, com sua psicologia ligada ao mundo dos sólidos e às fenomenologias da resistência, e o desejo, dentro do elemento fogo. A terra da vontade e o fogo do desejo.



dade? Seriam as otites a contraparte acústica de uma depressão, ou do pânico? Seriam tonturas, nossas inseguranças, um modo eficaz de parar de ouvir?

Quero ainda contrastar a escuta e a visada. O ouvido, e não o olho, como instrumento da metáfora. Deslocamo-nos da ocularidade para a auricularidade. O som é percebido antes, sabemos que a audição é anterior à visão.<sup>8</sup> Escutar é conhecer antes. Segundo o que diz Gilbert Durand, aqui estamos entre nossos dois principais “atlas sensoriais”: o visual e o audiofônico.<sup>9</sup> A cura pela fala requer uma escuta analítica. Nossa psicologia arquetípica acostumou-nos ao comando da visão, com a metáfora ótica: ver, re-ver, refletir, enxergar, visionar, especular, espelhamento, visibilidades, *insight*. O olho da mente. Ficar com a imagem. Enxergar através. Uma psicologia revisionista. Entretanto, *ouvir através*, por outro lado é, de fato, a mesma metáfora, mas com algumas diferenças. A principal é entre luz e trevas. O foco claro dos olhos, a caverna escura dos ouvidos. Cura pela escuta.

É na ideia de “enxergar através” que James Hillman sugere o que lhe parecem ser especificamente as *ferramentas da alma* em seu caminho errante: ideias. Temos mais uma vez a ênfase na luz, na visão, própria de uma retórica da ocularidade. Ideia como lâmpada que acende. Caracterizando essas ferramentas com as quais o processo de enxergar através prossegue, diz ele: “ideias são os instrumentos da alma. Sem elas, não podemos ver, muito menos ver através. As ideias são os olhos da alma, dando à psique seu poder de insight.”<sup>10</sup> Ideias são ferramentas para James Hillman, o terapeuta das ideias.<sup>11</sup> A transferência talvez tenha sido a primeira ferramenta em nos-

---

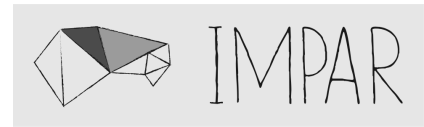
<sup>8</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário de símbolos*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988, p. 842.

<sup>9</sup> Gilbert Durand, *As estruturas antropológicas do imaginário*, tradução de Hélder Godinho, São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 157.

<sup>10</sup> James Hillman, *Re-vedo a psicologia*, tradução de Gustavo Barcellos, Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p. 277.

<sup>11</sup> A individuação “é uma ferramenta ideacional: não vemos a individuação, mas por meio dela.” Hillman, *idem*, p. 287.





so campo de psicologia profunda. A psicanálise, muitas vezes, define-se propriamente como a arte do manejo da transferência. Muitas outras vieram, e ainda estão a serem imaginadas. Então, iremos até a inteligência artificial, ferramenta das ferramentas, que poderá nos entregar finalmente o terapeuta robô. Na verdade, não uma ferramenta exatamente, mas uma prótese. O terapeuta robô é onde foi parar o desumanizar de Hillman, pois não deixa de ser uma desumanização, mas no lugar da alma está a máquina, com inteligências não humanas.

O ouvido é “o sentido da noite;”<sup>12</sup> e podemos entender que a obscuridade é amplificadora do barulho.<sup>13</sup> De noite, sozinhos em casa, no quarto, luzes apagadas, olhos fechados, começa a sinfonia dos ruídos, das presenças. Assim ouvir, ouvir bem, está mais ligado às trevas que à luz. Ouve-se mais na escuridão. Isso porque escutar, mais que outros sentidos, é imaginar. O olhar, a seu modo, está associado a seu objeto, à luz.<sup>14</sup> “É que ouvimos mais pela imaginação do que pela percepção,”<sup>15</sup> como diz Bachelard. Entregamo-nos assim às ressonâncias. O silêncio, então, não é escuridão, vazio, mas agitação, atividade, abundância. Quando não estão te escutando, fique em silêncio. Fique no escuro.

O ouvido é sinuoso: na escuta, todo caminho é curva, é consoante. É onde aprendemos a imaginar, a temer. O olho é a linha reta, sem obstrução. É onde aprendemos a dialética eu-tu, olhos nos olhos. O olho é desimpedido, é vogal.

Também na esfera pública, na esfera política do campo democrático, visibilidade é importante, claro, para alguns inclusive é tudo, mas no fundo o que queremos, o que precisamos, é sermos ouvidos. Fazer-se escutar. Nesse sentido, os impedimen-

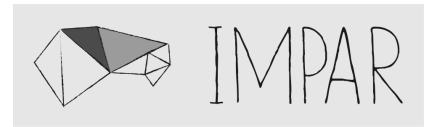
---

<sup>12</sup> Gaston Bachelard, *A terra e os devaneios do repouso*, tradução de Paulo Neves da Silva, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990, p. 149.

<sup>13</sup> Durand, *op.cit.*, p. 92.

<sup>14</sup> Durand, *op.cit.*, p. 151.

<sup>15</sup> Bachelard, *op.cit.*, p. 151.



tos com que nos deparamos hoje no cenário público têm mais a ver com a impossibilidade da escuta, do que com a possibilidade da fala.

Bachelard disse que a filosofia é o ofício dos olhos;<sup>16</sup> então eu diria que a psicologia é o ofício dos ouvidos. Ouvidos: é por lá que nos chegam súplicas, reclamações, queixas, histórias, anseios, perguntas, confissões, reflexões, sonhos, memórias. O terapeuta deve ser rico de ouvidos. A conversa, de verdade, precisa dos ouvidos. É por lá que começam as conversas, quando alguém escuta. “Você não está me ouvindo!” Ou, “ele não me escuta!”, “eles não me entendem” — queixas recorrentes. Falar não basta, é preciso ser escutado. Saúde acústica. Escutar para ver. É verdade, temos que aprender a ouvir, mas estamos sempre, desde sempre, apenas aprendendo a falar.

Sabedoria acústica é saber que escutar é uma ferramenta para fazer o outro dizer. Repito, e termino, pois é isso que queremos como terapeutas: escutar é uma maneira de fazer o outro dizer.

Pedra Grande  
São Francisco Xavier  
Agosto/2023

O **Impar** faz todos os esforços para garantir a exatidão das informações contidas nas publicações de nossa plataforma. No entanto, nós não damos nenhuma declaração nem garantia quanto à precisão, integridade ou adequação para quaisquer fins deste conteúdo. Todas as opiniões e pontos de vista expressos nesta publicação são de responsabilidade dos autores, não sendo os pontos de vista endossados pelo Impar, e portanto não somos responsáveis por quaisquer perdas, ações, reclamações, processos, demandas, custos, despesas, danos e outros passivos em relação a ou resultantes da utilização deste conteúdo. Este artigo pode ser utilizado para fins de pesquisa, ensino e uso privado. Qualquer reprodução substancial ou sistemática, redistribuição, revenda, sub-licenciamento ou a publicação em outro website é expressamente proibida.

<sup>16</sup> Bachelard, *op.cit.*, p. 29.